

# as raparigas nas Universidades Portuguesas

AS raparigas chegam às Universidades com os olhos vendados e os seus 18 anos cheios de inexperiência. Vindas dos liceus, onde se julga indispensável a separação dos sexos, sentem um ridículo acanhamento no seu convívio com os rapazes. Os colegas só lhes servem para companheiros de estudo (do estudo exclusivo das sebetas) ou para algum flirt ou derriço pelo corredores das faculdades. A educação que os pais portugueses dão às suas filhas também não é de molde a fazer delas mulheres úteis ao seu país. Mas não culpemos também os pais. No estado actual da civilização elles procedem com toda a lógica (a lógica dos processos por que foram educados).

Sob o ponto de vista cultural a sua bagagem ou é nula ou péssima. Lançou-se o tremendissimo lugar-comum de que há livros próprios para raparigas, de que há na vida compartimentos separados para cada sexo e vá de os editores o aproveitarem para beneficiarem a própria bolsa: eis a razão de toda essa propaganda de Bibliotecas para raparigas, de collecções brancas, azuis, cor-de-rosa, de todos esses autores cujas obras (como agora é de uso fazer-se) deviam ser queimadas em auto-de-fé por perigosamente nocivas à formação espiritual, moral, intelectual (e física!) da juventude: Max du Veuzit, Magall, Clara du Veuzit, Henry Ardel, M. Dolly, Hall Caine, Léo Dartey, Maryan, e tantos outros (não falamos em autores portugueses para não sermos tratados de anti-patriotas). E não somente criaram livros como também revistas «próprias para raparigas» (La revue que toute femme intelligente doit lire...).

Ora é preciso pôr cõbro a isto. E' preciso que todos os rapazes com consciência de si (e das realidades duma Nação como a nossa), que todos os jovens que consagram a sua vida à causa da cultura e do bem estar da humanidade, e sabem que o objectivo de quem frequenta as universidades não deve ser somente obter um diploma que permita «ganhar bem» mas também atingir uma etapa que melhor lhes permita servir a cultura—é preciso, dizia, que ponham desde já mãos à obra e, aproveitando a convivência que teem com as suas companheiras de estudo, nas aulas, nos laboratórios, nas bibliotecas, na vida universitária numa palavra, se esforcem por lhes abrir os olhos, por lhes illuminar os espiritos, por as tornar melhores, mais perfectas, mais humanas.

E' preciso pois:

1.º—Dar-lhes uma verdadeira consciência de sexo, ponho em evidência a sua importância na sociedade humana. Apontar-lhes os verdadeiros valores intellectuais femininos de todo o mundo. Fazer-lhes conhecer e admirar as obras de mulheres como: Madame Curie, Pearl Buck, Heilen Grace Curie, Yolanda Földes e outras, opondo aos livros dessorados, que algumas devoraram, livros como os dum Eça, dum Balzac, dum Huxley, dum Zola, dum Tolstoi, dum Erico Verissimo, dum Malraux, dum Stendhal, dum Jorge Amado, dum Tchekoff, dum Roman Rolland, dum Dickens, etc. Apontar-lhes o inconveniente das más traduções ou das edições truncadas que são vulgarissimas entre nós.

2.º—Estimular nelas o gosto pelas exposições de arte, pelos concertos musicais e pelas conferências de carácter educativo. Sendo o cinema um dos divertimentos preferidos pelas raparigas, indicar-lhes os poucos bons filmes que veem por acaso encaixar às nossas salas, e fazer um ataque cerrado a toda essa espécie de cinema de carácter comercial, desmoralizador e anti-humano que para aí se serve aos espectadores nacionais. Condenar como profundamente imorais e impróprios para toda a pessoa de bom gosto as revistas de teatro que se apresentam nos nossos palcos; idem, idem para as outras peças «serias», até que os nossos empregários se resolvam a ganhar menos e a «ensinar» mais.

3.º—Inscrevê-las nos clubes desportivos femininos mostrando-lhes as vantagens incontestáveis da gymnástica e do desporto em geral, como unico meio para conseguir uma vida sã e um corpo vigoroso. Para que possam ser mulheres fortes e boas mães, para que dêem filhos belos e fortes, são de corpo e de espirito.

4.º—Estabelecer como base das relações entre rapazes e raparigas a camaradagem e a lealdade, a confiança mútua e a amizade, destacando o ridículo dos flirts, dos namoros, dos galanteios cinéfilos. Mostrar-lhes com exemplos a vida das raparigas de todos os países civilizados, principalmente dos nórdicos, da América do Norte e da Inglaterra.

Fazer desabar velhos preconceitos e esclarecer eternos lugares-comuns.

E que ouçam e divulguem.

ANDRÉ VALMAR

(Continuação da página anterior)

mente, numa espécie de palavra de ordem.

Porque só uma pessoa que estudou a história à maneira inconsciente (sempre inconsciente?) dos grandes reis e dos enormes generais ou uma pessoa que nunca ouviu sequer falar em história poderia supor que Júlio Deniz, antes da época prodigiosa da electricidade, seria capaz de nos revelar a realidade do séc. XX.

Como diz Aragon, a realidade do mundo de hoje é terrível. O campo com as suas paisagens belas e o seu ar puro enche os homens de cansaço de sol a sol; faz que respirem cheiros pestilentos; que varram as suas casas uma vez no ano e nessa altura—já com terra de palmo—o façam com enxadas; que prolifere o anal-

fabetismo; que as mãs pálidas vão cavar logo no dia seguinte ao do parto; que a sub-alimentação seja regra geral com alguns capitulos de fome; que, ao fim de longas dezenas de anos de trabalhos exaustivos, se encontre como paga a condição de mendigo...

Os conhecimentos científicos

mais recentes a respeito da produção agricola, que noutros países têm dado prodigiosos resultados, são desconhecidos do nosso campo. Estudos agronomicos, estudos sobre as condições de vida no trabalho e sobre o trabalho racional, applicação do tractor, etc., eis

as grandes faltas do nosso campo.

Aspectos que não podiam, de forma alguma ser traduzidos por qualquer dos romances tradicionais. Situação que é fielmente penetrada, nas suas linhas gerais, por grandes romancistas estrangeiros como *Silone*, *Pearl Buck* e alguns romancistas brasileiros (é justo mencionar, entre nós, *Ferreira de Castro* da «Terra Fria» e «Os Emigrantes»).

Mas o novo romance será trazido pela nova geração. A realidade desenvolve-se nas nossas próprias veias, como um brado que não pode ter menos do que uma expressão terrível. E é possível afirmar confiantemente que os novos romances do campo já existem, não tardando a aparecer.

“O Diabo”

Grande semanário de literatura e critica.

Publica em todos os números: Ensaio, literatura de ficção, páginas de antologia, movimento de ideias, cultura científica, economia; critica de livros, teatro, artes plasticas, cinema, rádio e desportos; Revista das revistas, revista de livros, «Coisas de \_\_\_\_\_» «O Diabo», etc.